

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**CAIO VIEIRA DE REZENDE  
KATIELLY CORRÊA BARCELOS**

**PERFIL DO PRATICANTE DE SURFE NA GRANDE VITÓRIA**

**VITÓRIA/ES  
2014**

**CAIO VIEIRA DE REZENDE**  
**KATIELLY CORRÊA BARCELOS**

## **PERFIL DO PRATICANTE DE SURFE NA GRANDE VITÓRIA**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao curso de Bacharelado em Educação Física da  
Universidade Federal do Espírito Santo, como  
requisito para obtenção do título de Bacharel  
em Educação Física**

**Orientador: Prof.Dr. Edson Castardeli**

**VITÓRIA**  
**2014**

**CAIO VIEIRA DE REZENDE**  
**KATIELLY CORRÊA BARCELOS**

## **PERFIL DO PRATICANTE DE SURFE NA GRANDE VITÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Educação Física.

### **COMISSÃO EXAMINADORA**

---

**Prof.Dr. Edson Castardeli**  
**Universidade Federal do Espírito Santo**

---

**Prof.Dr. Lucas Guimarães Ferreira**  
**Universidade Federal do Espírito Santo**

---

**Prof<sup>a</sup>.Esp. Gisela Vicentini de Souza**  
**Universidade Federal do Espírito Santo**

## RESUMO

**Introdução:** No final na década de 1950, surge um “novo personagem” no cenário social, jovens de alta renda, residentes em bairros a beira-mar, adeptos às práticas e divertimentos praianos, de comportamento que ia de encontro ao considerado ideal pela alta sociedade carioca. **Objetivo:** Diante disto o trabalho teve por objetivo verificar o perfil atual do praticante de surfe na Grande Vitória. **Metodologia:** No primeiro final de semana de cada mês – outubro, novembro e dezembro – foram feitas entrevistas em dois locais frequentados para a prática de surfe. **Resultados:** Foram entrevistados 177 indivíduos, 93,2% do total eram do sexo masculino e 6,8% do sexo feminino, 100 dos 177 indivíduos tinham entre 21 e 40 anos. 100% das mulheres e 62,7% dos homens estão classificados com IMC normal, 32,7% acima do peso; 3,3% Obesidade grau 1; 0,56% foi abaixo do peso e um 0,56% obesidade grau 2, 62,1% praticam o surfe por lazer, 22% por esporte, 12,4% por saúde e 3,3% seis indivíduos optaram por outros motivos. Sobre o tempo de prática, 5 a 10 anos (20,3%); 21 a 30 anos (15,2%); 11 a 20 anos (14,6%); 4 a 5 anos (11,3%); até 1 ano (10,1%); 2 a 3 anos (7,3%); empatados com 6,7% estão 1 a 2 anos e 31 a 40 anos; 3 a 4 anos (6,2%); 1,15% que surfam há mais de 40 anos. A iniciação no esporte se deu por meio de escolinha (8,4%); aprenderam sozinhos (53,6%), 36,1% aprenderam com amigos e 1,6% iniciaram no surfe através de outros modos. No que se refere à escolaridade, 32,2% tem o Ensino Superior completo, 15,2% estão cursando o mesmo, 23,1% tem o Ensino Médio completo e 14,1% ainda estão cursando. Sobre os locais mais freqüentados para a prática o “pico” do Ulé e Solemar foram os dois mais citados com 64,9% e 62,1%. Sobre o mercado, 33,9% possui uma prancha, 33,9% possuem duas pranchas, 15,8% possuem três pranchas e 7,3% possuem quatro pranchas, sendo que 156 optam por usar três quilhas (88,1%). Sobre a atualização, 67,2% lêem revistas, 96,6% assistem filmes e/ou vídeos de surfe, 71,7% acompanham o circuito mundial, 82,4% sabem de algum surfista profissional do estado do Espírito Santo, 94,9% sabem de algum surfista profissional nacional, 96,6% sabem de algum surfista profissional internacional. **Conclusão:** Considerando os resultados, podemos concluir que o perfil do praticante de surfe mudou desde a década de 70.

**Palavras chave:** surfe; surfista; atividade aquática.

## SUMÁRIO

|                               |           |
|-------------------------------|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO .....</b>     | <b>5</b>  |
| <b>2 OBJETIVO GERAL .....</b> | <b>8</b>  |
| 2.1 OBJETIVO ESPECÍFICO ..... | 8         |
| <b>3 METODOLOGIA .....</b>    | <b>9</b>  |
| <b>4 RESULTADOS .....</b>     | <b>10</b> |
| 4.1 INDIVÍDUO .....           | 10        |
| 4.2 SOCIAL .....              | 14        |
| 4.3 TRÂNSITO .....            | 16        |
| 4.4 MERCADO .....             | 16        |
| 4.5 ATUALIZAÇÃO .....         | 21        |
| <b>5 DISCUSSÃO .....</b>      | <b>25</b> |
| 5.1 INDIVÍDUO .....           | 25        |
| 5.2 SOCIAL .....              | 26        |
| 5.3 TRÂNSITO .....            | 27        |
| 5.4 MERCADO .....             | 27        |
| 5.5 ATUALIZAÇÃO .....         | 28        |
| <b>6 CONCLUSÕES .....</b>     | <b>30</b> |
| <b>7 REFERÊNCIAS .....</b>    | <b>31</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Na história do surfe não há uma data em que o mesmo foi criado ou descoberto. Desde o século XIX existem registros sobre o hábito de deslizar de pé sobre pranchas nas ondas do mar, contudo, foi apenas na segunda década do século XX, especificamente nos Estados Unidos, que essa modalidade assumiu seu formato atual, popularizando-se crescentemente a partir dos anos 1960 (DIAS e cols., 2012).

No início de sua história, ainda na Polinésia, o surfe era uma prática direcionada, especialmente, aos mais altos chefes da monarquia. Como os reis estavam livres das tarefas diárias no campo, nas vilas e na pesca, podiam despender inúmeras horas no mar. Motivo pelo qual a reputação da grande maioria dos chefes polinésios era a de ser excelentes surfistas. O surfe realmente era o esporte dos reis (REZENDE, 2004). Em 1778, o capitão inglês James Cook passou pelo Havaí e relatou em seu diário que viu nativos praticando o esporte. A nobreza usava pranchas de madeira maiores e mais pesadas (ollo), enquanto que o restante da população usava modelos menores (alaia) (SOUZA, 2004).

“O estigma do surfista, estereotipado como o eterno vagabundo, talvez tenha nascido do choque cultural entre duas das mais distintas sociedades existente no mundo, a dos polinésios, que reverenciava a vida, e a dos ocidentais, cujos principais modelos foram orientados para a degradação do meio ambiente com fins puramente de acumulação de bens e riqueza” (REZENDE, 2004, p.4).

A costa oeste dos Estados Unidos tinha as praias com condições ideais para a prática do surfe, na Califórnia, entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, o surfe teve ascensão. Nesta época houve a popularização do automóvel, facilitando o transporte dos surfistas para buscarem os melhores “picos”, ou seja, os locais com melhores condições para a prática, ao longo de todo o litoral. “Os surfistas dessa época eram jovens saudáveis, passavam dias na praia, promoviam competições entre eles e encorajavam suas namoradas a surfar” (SOUZA, 2004).

No Brasil, o surfe, teve início na segunda metade da década de 1930, porém, os primeiros surfistas brasileiros não são considerados responsáveis pela disseminação do esporte no país, estes utilizavam “tábuas de madeira” e arriscavam-se em ondas

do litoral paulista. Na década de 1950, no Rio de Janeiro, o país conhece seu primeiro grupo de surfistas. O período conhecido como “anos dourados” (1950 – 1970) é marcado pelo crescimento econômico brasileiro e pela consequente e progressiva comercialização de cultura, sendo o Rio de Janeiro o maior receptor de cultura estrangeira, isto permitiu que os jovens tivessem acesso e adotassem valores e elementos da cultura norte-americana, assim o surfe foi introduzido no Brasil (RIBEIRO, 2003; DIAS e cols., 2012).

No final na década de 1950, surge um “novo personagem” no cenário social, jovens de alta renda, residentes em bairros a beira-mar, adeptos às práticas e divertimentos praianos, de comportamento que ia de encontro ao considerado ideal pela alta sociedade carioca. Alguns praticavam pesca submarina, porém, por vezes o mar agitado não permitia esta atividade. Então, alguns praticantes passaram a fabricar uma espécie de prancha de madeira, que chamavam de “porta de igreja”, e usavam para deslizar sobre as ondas quando o mar não favorecia a pesca (DIAS e cols., 2012).

Nesta época a imagem do surfista, que segundo Souza (2004), é aquele que se sente surfista pelo astral, pelas roupas, pelos lugares que frequenta, mas nunca se aventurou a descer uma onda em pé sobre a prancha, é associada ao jovem de alta renda, que não trabalhava e às vezes nem estudava, e que adotava comportamentos desaprovados pela sociedade (FONTES, 2008).

Durante 10 anos de vivência no universo do surfe, foi observado o crescente número de praticantes e a variedade de perfil de surfistas que compõem este cenário. Partindo desta variedade surge o interesse em traçar o perfil dessa nova geração que ingressa na cultura surfe, que não são apenas jovens como foi ao longo da história, e sim adultos, idosos e crianças.

Apesar de uma longa história de existência do esporte, ainda não é tarefa fácil encontrar pesquisas relacionando a modalidade com outros aspectos, principalmente quando tendo em vista o perfil do praticante e do mercado que o esporte fornece nos dias atuais. Considerando que 90% dos consumidores dos produtos de marcas de surfe não são praticantes (ZUCH, 2012), há a possibilidade de trabalho com grande parte deste numero de curiosos, admiradores, fãs do esporte, entre outros. Pelo que foi constatado no levantamento de dados feito ate o

momento, o perfil do praticante de surfe vem sofrendo alterações. Diferente da década de 70, acreditamos que este não é apenas o jovem de alta renda que não trabalha e nem estuda, mas também, indivíduos que possuem uma carreira de trabalho, qualificado e tem o surfe como estilo de vida.

## **2 OBJETIVO GERAL**

Verificar o perfil atual do praticante de surfe na Grande Vitória.

### **2.1 OBJETIVO ESPECÍFICO**

Verificar o perfil antropométrico, social e mercadológico do praticante de surfe na Grande Vitória.

### 3 METODOLOGIA

A pesquisa de campo foi realizada durante a estação da Primavera, nos meses de Outubro, Novembro e Dezembro de 2013, especificamente nos dias 05, 16 e 08, respectivamente, durante o período da manhã em quatro horas de coleta de dados, nos "picos" (locais destinados para a prática do surfe) do Ulé, em Nova Ponta da Fruta, Guarapari e Solemar, em Jacaraípe, Serra. Com caráter generalista, ou seja, qualquer praticante de surfe que estivesse presente poderia ser incluído, independente de sexo e idade.

O período da primavera foi escolhido visto que não se trata de um período facilitador para o esporte, como acontece no Verão devido ao calor e a constante presença do Sol e do número de turistas que costuma aumentar nesta época; ou que apresenta dificuldades, como acontece no Inverno devido ao tempo com temperaturas mais baixas, frequentes alterações climáticas, o que não atrai muitos para o mar, razões pelas quais poderiam afetar a coleta de dados.

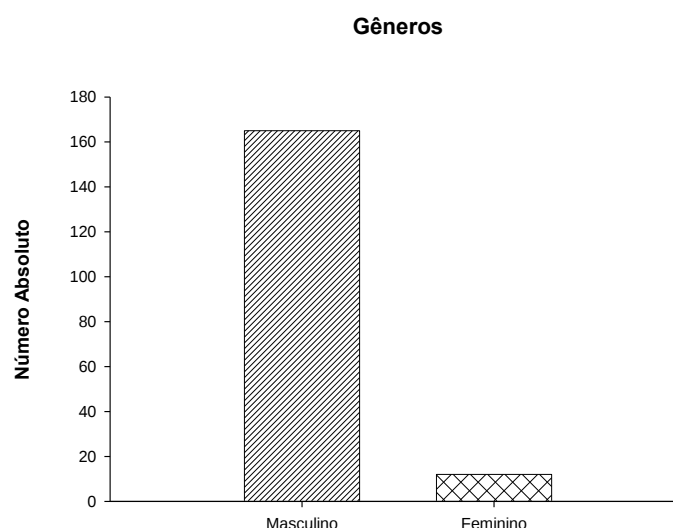
Foram entrevistados indivíduos que estavam indo para a prática ou que estavam voltando da mesma, no período da manhã. As entrevistas eram semi-estruturadas com perguntas relacionadas a idade, sexo, IMC, grau de escolaridade, mercado, condição social, deslocamento e atualização sobre o esporte. O entrevistado não era obrigado a responder todas as perguntas, foi orientado a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendação e, por final, assinava o mesmo.

Os resultados foram expressos em percentuais, números absolutos, apresentados em forma de tabelas e gráficos feitos através do pacote estatístico *SigmaStat for Windows*, versão 3.5 (SPSS, San Raphael, CA, USA).

## 4 RESULTADOS

### 4.1 INDIVÍDUO

Foram pesquisados 177 indivíduos. 93,2% do total eram do sexo masculino e 6,8% do sexo feminino (Figura 1). Nos meses em que a pesquisa foi realizada, 56,50% tinham idade entre 21 e 40 anos, 25,42% tinham idade de 20 anos e inferior, 17,51% tinham de 41 a 65 anos e apenas um indivíduo não quis revelar sua idade (Tabela 1).



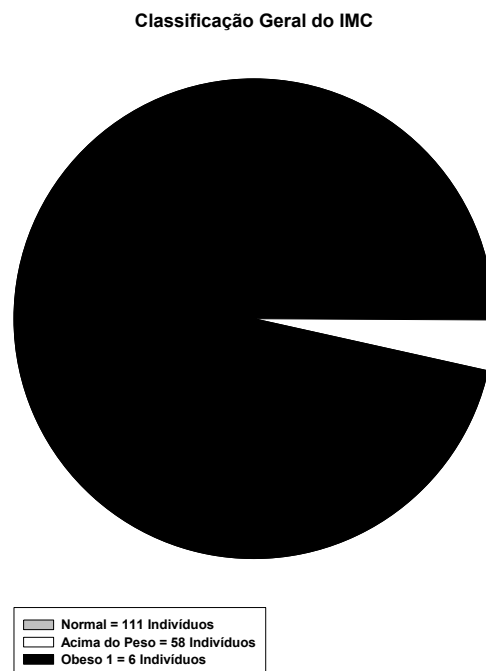
**Figura 1.** Número de indivíduos de acordo com o gênero.

**Tabela 1.** Mostra os indivíduos e a classificação de faixa etária. Onde até 20 anos é classificado como adolescente; 21 a 40 anos, jovem adulto e 41 a 65 anos, meia idade.

| Idade        | Indivíduos |
|--------------|------------|
| Até 20 anos  | 45         |
| 21 a 40 anos | 100        |
| 41 a 65 anos | 31         |
| Total        | 176*       |

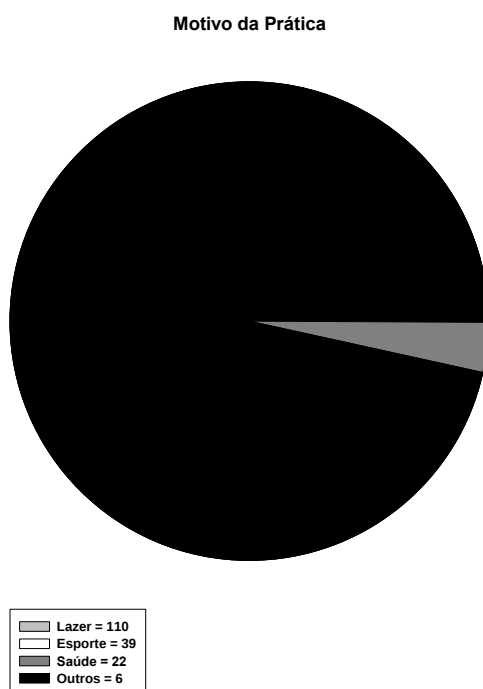
\*Um indivíduo não quis revelar sua idade

Sobre o Índice de Massa Corporal (IMC), a pesquisa mostrou que 62,7% do total, 100% das mulheres e 62,7% dos homens estão classificados como Normal. 32,7% estão classificados em Acima do peso; 3,3% estão na Obesidade grau 1; um indivíduo 0,56% foi classificado como Abaixo do peso e um indivíduo 0,56% como Obeso grau 2 (Figura 2).



**Figura 2.** Classificação do IMC dos entrevistados.

Quando perguntado o motivo da prática do surfe, 110 disseram que praticam o surfe por lazer, 39 por esporte, 22 por saúde e seis indivíduos optaram por outros motivos (Figura 3).



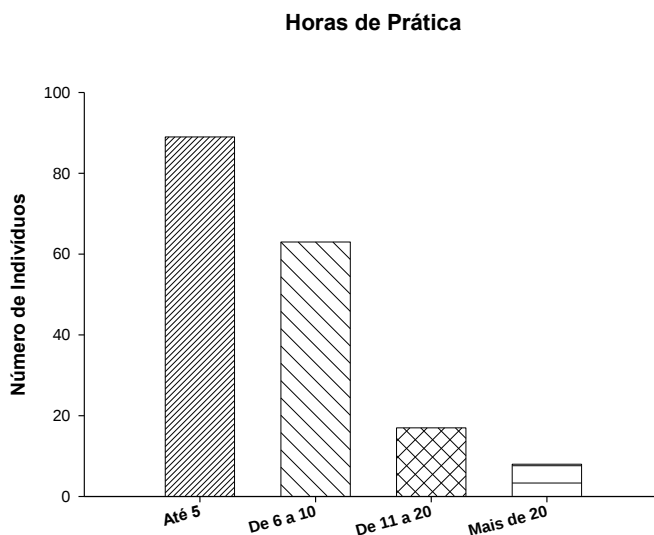
**Figura 3.** Dados relacionados ao motivo da prática do surfe.

Os praticantes de surfe mais encontrados foram aqueles que estão na prática de 5 a 10 anos (20,3%); seguido por aqueles que praticam de 21 a 30 anos (15,2%); 11 a 20 anos (14,6%); 4 a 5 anos (11,3%); até 1 ano (10,1%); 2 a 3 anos (7,3%); empatados com 6,7% estão 1 a 2 anos e 31 a 40 anos; 3 a 4 anos (6,2%) vem em seguida e por fim, menos encontrado durante a pesquisa, dois indivíduos 1,15% que surfam há mais de 40 anos, como ilustrado na tabela 2.

**Tabela 2.** Distribuição do tempo de prática de surfe e o número indivíduos.

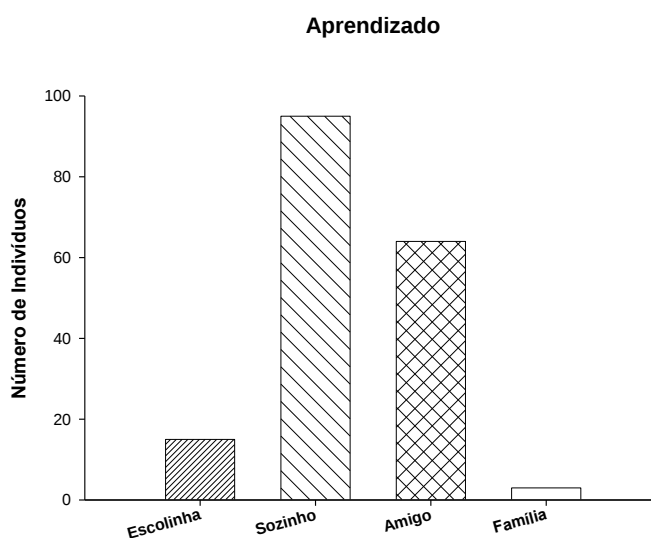
| Anos de prática | Indivíduos |
|-----------------|------------|
| Até 1 ano       | 18         |
| 1 a 2 anos      | 12         |
| 2 a 3 anos      | 13         |
| 3 a 4 anos      | 11         |
| 4 a 5 anos      | 20         |
| De 5 a 10 anos  | 36         |
| De 11 a 20 anos | 26         |
| De 21 a 30 anos | 27         |
| De 31 a 40 anos | 12         |
| Mais de 40 anos | 2          |

Quando perguntado o tempo despendido, semanalmente, para a prática do surfe, 50,2% responderam que surfam até cinco horas, 36,1% de 6 a 10 horas, 8,4% entre 11 a 20 horas e 1,6% surfam mais de 20 horas (Figura 4).



**Figura 4.** Horas destinadas a para pratica do surfe, semanalmente.

A escolinha de surfe foi uma opção para iniciação no esporte por apenas 8,4% dos entrevistados; enquanto os que aprenderam a prática sozinhos foram 53,6%, seguido de 36,1% aprenderam com amigos e 1,6% iniciaram no surfe através de outros modos, como apresentado na figura 5.



**Figura 5.** Dados relacionados ao início da prática do surfe, expressos em números absolutos.

Dos 177 indivíduos entrevistados, 38 indivíduos (21,4%) utilizam apenas o surfe como atividade física, 78,5% praticam outro esporte além do Surfe. Entre os esportes mais citados foram: futebol (32,2%), skate (24,8%), lutas, que abrange todos os tipos de artes marciais praticado pelos pesquisados (11,3%), corrida (7,9%) e natação (6,2%). Outros menos citados foram o tênis, basquete, ciclismo e capoeira. Modalidades com 1 a 3 indicações não foram representadas na tabela 3: stand up paddle, pesca oceânica, slackline, vôlei, skimboard, mergulho, parapente, bodyboarding, handebol e beach soccer (Tabela 3).

**Tabela 3.** Outros esportes praticados além do surfe.

| <b>Esportes que praticam além do surfe</b> | <b>Indivíduos</b> |
|--------------------------------------------|-------------------|
| Nenhum                                     | 38                |
| Futebol                                    | 57                |
| Skate                                      | 44                |
| Lutas                                      | 20                |
| Corrida                                    | 14                |
| Natação                                    | 11                |
| Tênis                                      | 7                 |
| Basquete                                   | 5                 |
| Ciclismo                                   | 4                 |
| Capoeira                                   | 4                 |

## 4.2 SOCIAL

Com relação ao mercado de trabalho dos praticantes de surfe, 5,6% são empresários, engenheiros 3,3%, administradores 2,8% e professores 1,6%. Na área técnica: técnico em mecânica 4,5%. Profissões que exigem somente ensino médio foram: militares 2,2%, autônomos 2,8% e auxiliar administrativo 1,6%. Estudantes de qualquer nível de ensino foram 42 indivíduos 23,7%.

Outras profissões que foram citadas pelos praticantes, porém num menor número, foram: advogado, agente penitenciário, ajudante de mecânico, analista de exportação, analista de sistemas, aposentado, arquiteto, artesão, assistente administrativo, atendente, auxiliar de almoxarife, auxiliar de produção, auxiliar de shaper, auxiliar técnico, biólogo, bombeiro, comerciante, consultor técnico, contador,

corretor, eletricista, eletromecânico, eletrotécnico, encarregado, estagiário, estudante, fisioterapeuta, fotógrafo, funcionário público municipal, gerente administrativo, gerente comercial, importador, instrumentador cirúrgico, jornalista, líder operacional, marceneiro, marinho, marítimo, médico, metalúrgico, microempresário, motorista, operador, operador de telemarketing, operador industrial, operador refratário, pintor, policial militar, portuário, produtor de eventos, professor, químico, representante comercial, segurança do trabalho, segurança eletrônica, servidor público, shaper, soldador, surfista, tatuador, técnico em controle de pragas, técnico em automação, técnico em automação, técnico em edificações, técnico em elétrica, técnico em instrumentação, técnico em logística, vendedor, vigilante.

No que se refere à escolaridade dos praticantes de surfe 2,2% estão cursando o Ensino Fundamental, 1,6% possuem o Ensino Fundamental completo, 14,1% estão cursando o Ensino Médio, 23,1% tem o Ensino Médio completo, 0,5% (um indivíduo) está cursando o Ensino Técnico, 6,2% tem o Ensino Técnico completo, 15,2% estão cursando o Ensino Superior, 32,2% possuem o Ensino Superior completo e 4,5% são pós-graduados (Tabela 4).

**Tabela 4.** Dados referentes a escolaridade do praticante de surfe.

| <b>Escolaridade</b>    | <b>Indivíduos</b> | <b>%</b> |
|------------------------|-------------------|----------|
| Fundamental incompleto | 4                 | 2,2%     |
| Fundamental completo   | 3                 | 1,6%     |
| Médio incompleto       | 25                | 14,1%    |
| Médio completo         | 41                | 23,1%    |
| Técnico incompleto     | 1                 | 0,5%     |
| Técnico completo       | 11                | 6,2%     |
| Superior Incompleto    | 27                | 15,2%    |
| Superior completo      | 57                | 32,2%    |
| Pós-graduado           | 8                 | 4,5%     |

### 4.3 TRÂNSITO

A pesquisa aconteceu nos chamados “picos”, que são os locais destinados para a prática do surfe, do Ulé e Solemar, situados em Nova ponta da fruta no município de Guarapari e em Jacaraípe no município da Serra, respectivamente.

Por ser o local da pesquisa, o “pico” do Ulé e Solemar foram os dois mais citados com 64,9% e 62,1%. Excluindo os dois locais de pesquisa, os três mais requisitados foram: Barrote, na Serra, situado no litoral norte a 30 km da capital Vitória; Regência, em Linhares, localizada também no litoral norte a 126 km de Vitoria; e Setibão, em Guarapari, litoral sul, com distancia de 51 km da capital (Tabela 5). Fora do Espírito Santo os estados mais visitados para surfar foram: Rio de Janeiro, Bahia e Santa Catarina. Foram citados 16 países viajados pelos entrevistados (14,6%), os três destinos mais escolhidos foram: Peru na América do Sul, Costa Rica na América Central e Havaí que pertence aos Estados Unidos.

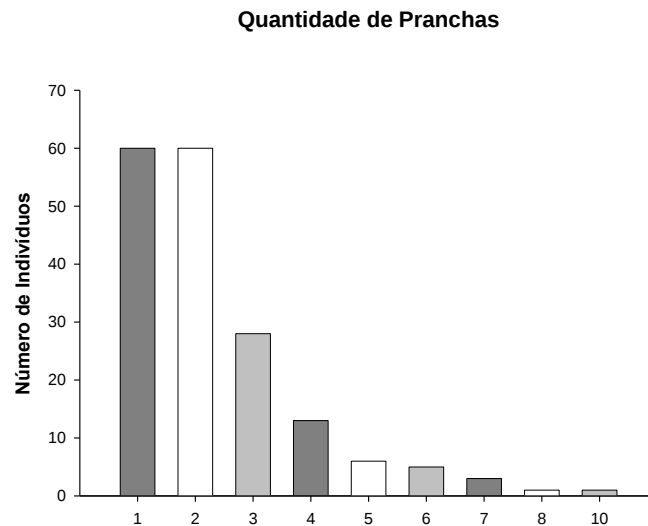
**Tabela 5.** Mostra os “picos” mais frequentados pelos praticantes de surfe.

| Quais “picos” mais frequenta | Indivíduos |
|------------------------------|------------|
| Ulé - Guarapari              | 115        |
| Solemar - Serra              | 110        |
| Barrote - Serra              | 59         |
| Regencia - Linhares          | 41         |
| Setibão - Guarapari          | 26         |
| Buraco - Vila Velha          | 20         |
| Xangão - Aracruz             | 15         |
| Baixa de manguinhos - Serra  | 13         |
| Carapebus - Serra            | 11         |
| Barrão - Vila Velha          | 10         |
| Praia grande                 | 10         |

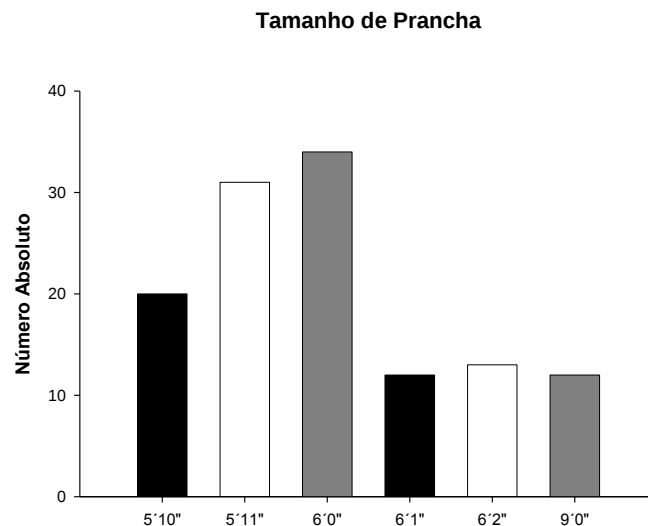
### 4.4 MERCADO

Entre os entrevistados, 33,9% possui uma prancha, 33,9% possuem duas pranchas, 15,8% possuem três pranchas e 7,3% possuem quatro pranchas (Figura 6). O tamanho de prancha mais usado foi a de seis pés (19,2%), em seguida, foi a de

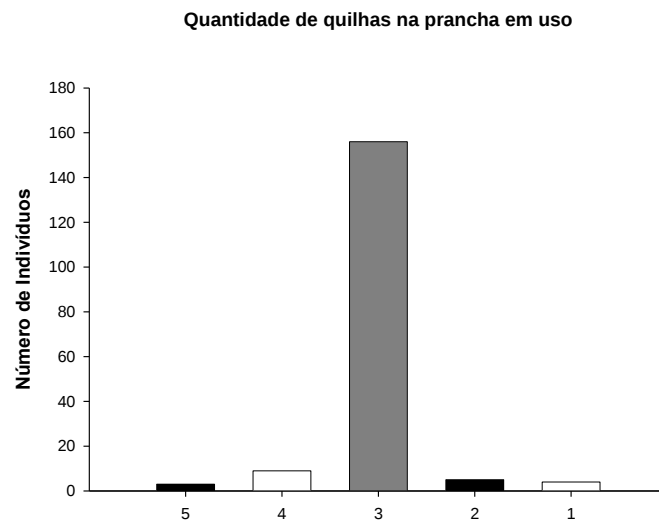
5,11" (17,5%) enquanto que 6,7% dos entrevistados tem prancha de 6.1", mesma quantidade de indivíduos que estavam usando pranchas Longboard de nove pés (Figura 7). Dos 177 indivíduos, 156 optam por usar três quilhas (88,1%) (Figura 8). 32,2% possuem um jogo de quilha, 31,6% possuem dois jogos de quilha (Figura 9). Sendo que 60,4% estavam usando quilhas convencionais e 38,9% usavam quilhas de fibra especial (Figura 10).



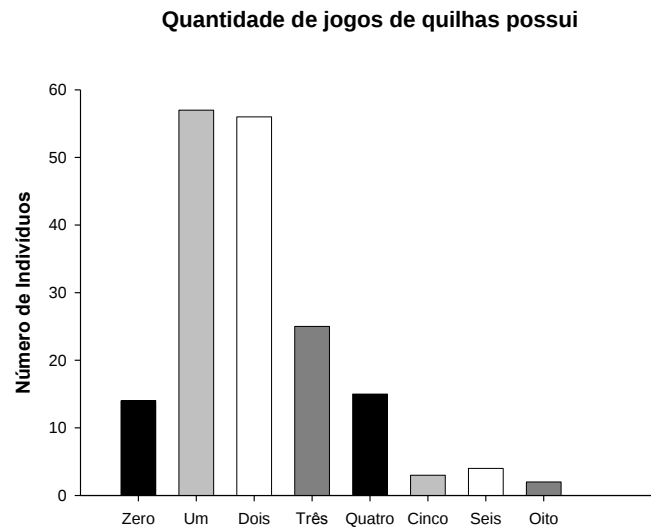
**Figura 6.** Quantidade de pranchas que os entrevistados possuem.



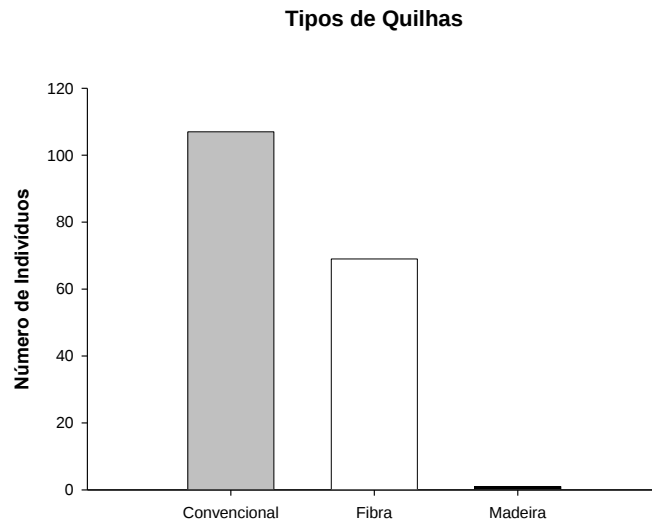
**Figura 7.** Tamanhos das pranchas mais usadas durante a pesquisa.



**Figura 8.** Quantidade de quilhas o indivíduo estava usando em sua prancha.

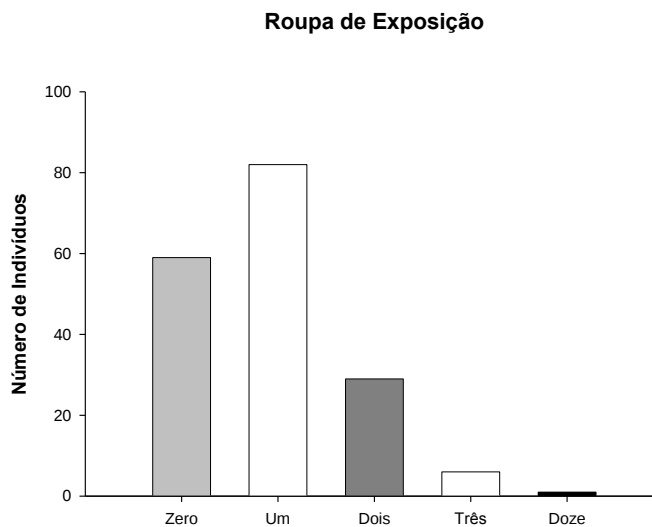


**Figura 9.** Jogos de quilha o entrevistado possui.



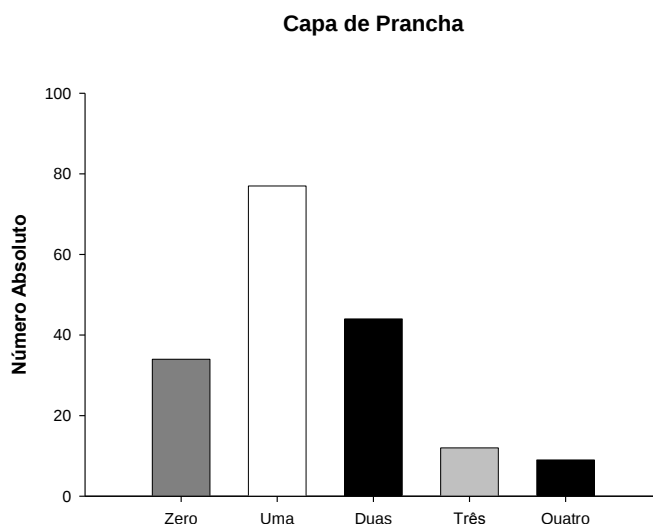
**Figura 10.** Tipos de quilha usada na prancha durante a pesquisa.

46,3% dos entrevistados disseram ter um *John*, 33,3% disseram ter nenhum, 16,3% disseram ter dois e 3,3% disseram ter três (Figura 11).



**Figura 11.** Quantidade de *John* que os pesquisados possuem.

19,2% não possuem capa de prancha, 45,5% possuem uma capa de prancha, 24,8% possuem duas capas de prancha, 6,7% possuem três e 5% possuem quatro (Figura 12).



**Figura 12.** Mostra a quantidade de capa de prancha que os entrevistados possuem.

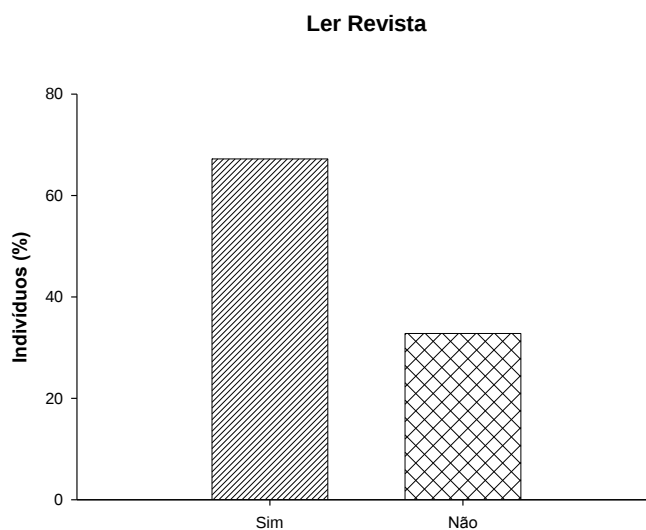
Quando perguntados sobre os acessórios de surfe que possuem, 88,1% dos entrevistados possuem alguma camisa de alguma marca de surfe, 68,3% possuem casaco de alguma marca de surfe, 91,5% possuem bermuda de alguma marca de surfe, 46,3% possuem calça, 63,2% possuem tênis, 66,1% possuem boné e 15,2% possuem outros acessórios de alguma marca de surfe (Tabela 6).

**Tabela 6.** Acessórios, de alguma marca de surfe, que os indivíduos possuem.

| Acessórios | Indivíduos |
|------------|------------|
| Camisa     | 156        |
| Casaco     | 121        |
| Bermuda    | 162        |
| Calça      | 82         |
| Tênis      | 112        |
| Boné       | 117        |
| Outros     | 27         |

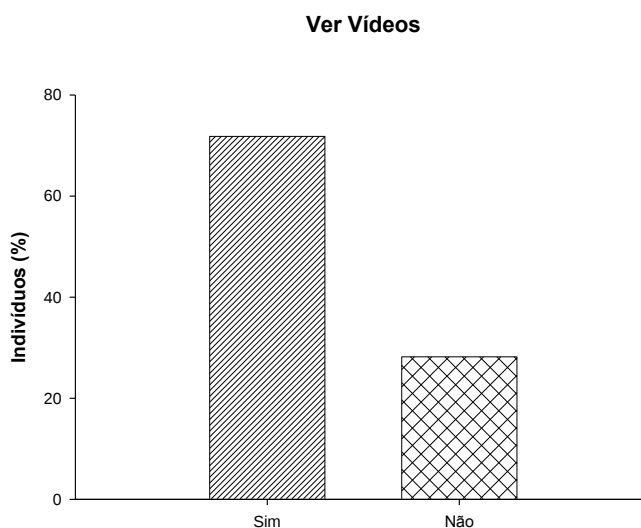
## 4.4 ATUALIZAÇÃO

Os dados demonstram que 67,2% dos praticantes de surfe tem o hábito de ler revistas de surfe, enquanto que 32,8% não tem este hábito (Figura 13).



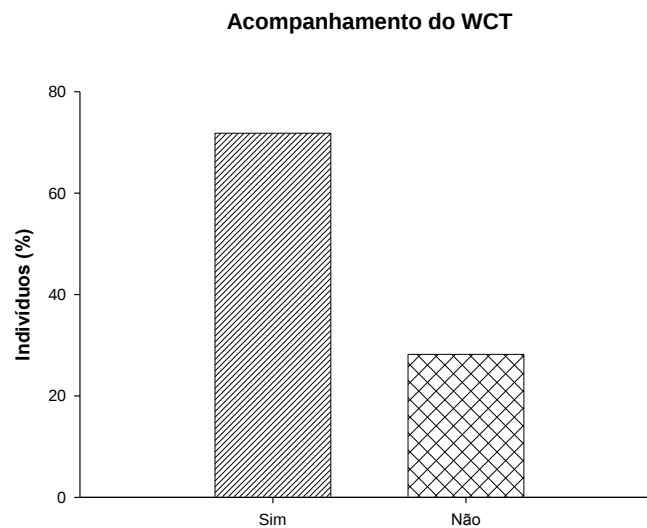
**Figura 13.** Porcentagem de indivíduos que leem revista de surfe.

São 96,6% os que assistem filmes e/ou vídeos de surfe e 3,4% os que não assistem (Figura 14).



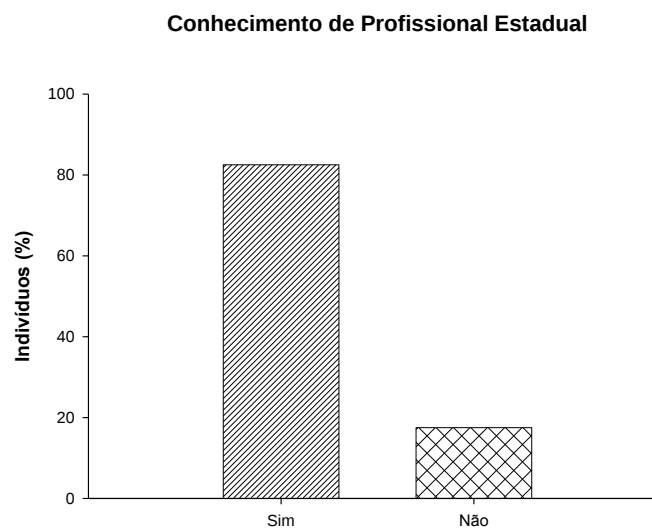
**Figura 14.** Indivíduos que assistem a vídeo ou filme de surfe, em porcentagem.

Quanto ao Circuito Mundial de Surfe Profissional (*World Championship Tour*) 71,7% o acompanham e 28,3% não o fazem (Figura 15).



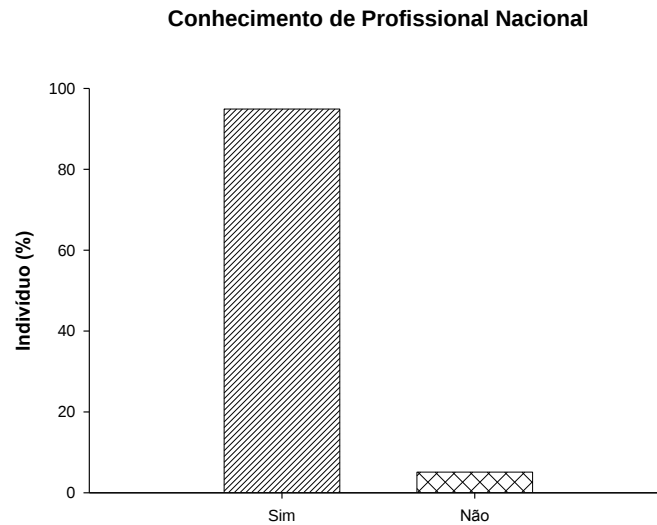
**Figura 15.** Entrevistados que acompanham o Circuito Mundial de Surfe (WCT).

Aqueles que relataram saber de algum atleta profissional do estado do Espírito Santo são 82,4%, enquanto que 17,6% não sabem (Figura 16).



**Figura 16.** Conhecimento de algum atleta profissional do estado.

Os que relataram saber de algum atleta profissional nacional são 94,9% e os que não sabem são 5,1% (Figura 17).



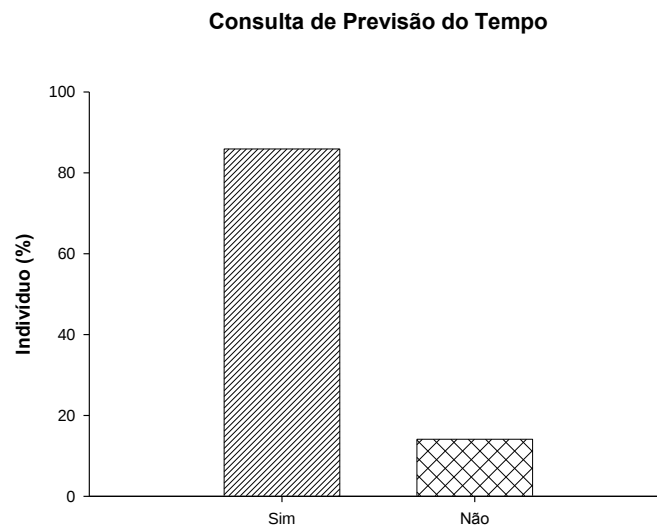
**Figura 17.** Conhecimento de algum atleta profissional nacional.

Os entrevistados que sabem de algum atleta profissional internacional são 96,6% e os que disseram não saber são 3,4% (Figura 18).



**Figura 18.** Conhecimento de algum atleta profissional internacional.

Os que consultam a previsão de ondas antes de planejar a prática do surfe são 85,8% (Figura 19).



**Figura 19.** Entrevistados que planejam sua prática através da consulta à previsão das ondas.

## 5 DISCUSSÃO

### 5.1 INDIVÍDUO

Feita a análise dos resultados da pesquisa, nota-se que o surfe é um esporte praticado majoritariamente por homens. Algumas explicações para esse número podem ser: homens possuem 60% mais força nos membros superiores que as mulheres (Wilmore, J; Costil, D; 2001), o que as deixa numa desvantagem durante a prática, no momento de remar para pegar a onda; a escolha errada do tipo e/ou do tamanho da prancha ao iniciar no esporte poderá desfavorecer a praticante a desenvolver técnicas básicas dentro d'água; e outra possível causa é o fato de que, culturalmente, mulheres cedem muito mais ao homem ao entrar num relacionamento, ou seja, se a praticante de surfe adentra em um relacionamento com um homem que não pratica o surfe, será mais difícil para ela convencê-lo a ir à praia, enquanto que o contrário é mais comum e foi notou-se durante a aplicação da pesquisa.

O IMC dos praticantes de surfe nos mostra que o esporte pode ser um excelente aliado, juntamente a outras atividades físicas, para quem deseja estar com o índice classificado como "Normal", já que a maioria dos entrevistados apresentou estar nesta faixa. Mulheres que persistiram no esporte conseguiram estar também classificadas com "Peso normal", um bom motivo para aquelas que sentem-se desestimuladas.

Houve apenas dois casos extremos, um adolescente que estava abaixo do peso, ainda em fase de crescimento, e um indivíduo que se encontrou classificado com "Obesidade severa", que disse praticar o esporte há menos de um ano e começou como forma de tentar sair desta faixa.

Não foram encontrados indivíduos na terceira idade, o que provavelmente está relacionado ao aparecimento do esporte no estado acontecer na década de 1960.

Nos filmes, revistas, propagandas, do surfe, é facilmente perceptível o prazer que o indivíduo na imagem está tendo. Logo, mais indivíduos poderão buscar o esporte

para alcançar este prazer, seja pelo contato com o mar, a natureza, seja por estar em cima de uma prancha ou por estar em companhia dos amigos na natureza.

Pensando nisso, surgem cada vez mais novos adeptos. Admiradores que decidem praticar o esporte em busca do lazer, outros na saúde, na condição física que o esporte oferece, se arriscam sozinhos no mar, talvez com amigos ou passem a frequentar escolinhas, que são poucas no estado.

Existem também aqueles que já estão na modalidade há mais tempo e iniciam carreiras como atleta profissional.

Um quinto dos entrevistados disse praticar nenhum esporte além do surfe, indicando que, talvez, se não fosse o surfe, seriam sedentários. Já o futebol foi a modalidade mais escolhida, por ser uma prática mais comum no país, cultural do povo brasileiro e, consideravelmente, barata quando comparada a outras citadas na pesquisa, mais indivíduos tendem a procurá-la. O skate está inserido no estilo de vida dos surfistas desde o aparecimento do esporte nos Estados Unidos, tem movimentos e equilíbrio, semelhantes ao surfe, quando o mar se encontrava sem ondas. As lutas estão em ascensão no país com a popularização do *Mixed Martial Arts* (MMA) e a evidência que a mídia está dando a modalidade, além de ser um esporte que oferece um bom condicionamento físico aos indivíduos que o praticam. Outra modalidade que apareceu foi a corrida, que, atualmente, está conquistando cada vez mais adeptos na Grande Vitória, o aumento de grupos de corrida, a preocupação com a saúde, o condicionamento e o fácil acesso faz com que mais indivíduos a procurem.

## 5.2 SOCIAL

Considerando a imagem do praticante de surfe, no período do aparecimento do esporte no Brasil, há uma mudança. Do jovem que às vezes não estudava e nem trabalhava, para o profissional qualificado que está inserido no mercado. Pelo menos um terço dos entrevistados tem o Ensino Superior completo e incluindo aqueles que ainda estão cursando o mesmo, tornam-se mais da metade.

São diversas ocupações que o praticante da Grande Vitória tem. Empresários, administradores, engenheiros, técnicos, professores e outras profissões, mostrando um perfil eclético.

Hoje o esporte abrange uma grande variedade de indivíduos e formações. Praticar o surfe e manter-se no estilo de vida do esporte pode ter um preço baixo, numa vida simples, ou custar caro. Portanto, há quem opte por investir na formação profissional e uma carreira melhor remunerada e aqueles que não tiveram condições, não quiseram ou que preferem o lado mais simples do esporte.

### 5.3 TRÂNSITO

A pesquisa mostrou que nos “picos” da Grande Vitória o surfe é regional, onde a maioria dos frequentadores destes locais é da região e não são picos que são procurados por indivíduos de outros estados ou estrangeiros. Outros “picos” que foram citados e que são os mais frequentados entre os pesquisados, são locais próximos, com exceção de Regência, que fica em Linhares, mostrando o interesse pela procura por ondas melhores dependendo das condições oferecidas pelo mar.

Embora o estado possua uma grande variedade de tipos de ondas e picos bem distintos, alguns ainda preferem viajar para outros estados em busca de lugares e ondas ainda melhores, mostrando que o praticante de surfe é um indivíduo envolvido e interessado pelo esporte. Outros chegam até a se destinar ao exterior atrás das ondas mais famosas, vistas, na maioria das vezes, em revistas e filmes de surfe.

Enquanto que outra parte dos pesquisados declararam não fazer ou ter feito nenhuma viagem em função do esporte.

### 5.4 MERCADO

Nos locais onde a pesquisa foi feita, notou-se dois estilos diferentes: aqueles que surfam com pranchas de tamanho comum de surfe e aqueles que surfam de *Longboard*, que são pranchas maiores, que atendem a necessidade de um dos

locais onde a pesquisa foi realizada, embora a maioria optasse pela prática com o tamanho de prancha comum.

Ainda que o mercado do surfe venha oferecendo mais tecnologia nos equipamentos, como jogos de quilha com quatro peças, feitas de fibras mais leves, talvez pela dúvida em arriscar o novo, não querer sair da zona de conforto ou pela falta de condição em adquirir materiais mais modernos e mais caros, poucos são os que acompanham o avanço da indústria do surfe.

No que se refere ao *John*, apesar do tempo aberto e o calor que faz no estado grande parte do ano, ainda há o desconforto que o equipamento oferece. Num esporte que a flexibilidade e a liberdade de movimento são fatores importantes para o bom desenvolvimento, as roupas de borracha podem ser um agente que dificulta a prática. Ou seja, o uso deste acessório é funcional, pois esquentar o corpo nos dias mais frios e impede os raios solares de entrar em contato direto com a pele, e não é estético. Embora seja necessário para aqueles que fazem viagens para lugares onde a água ou o tempo tenham temperaturas mais baixas que no Espírito Santo. Assim como as capas são fundamentais para o transporte seguro, seja num trajeto curto ou longo, da prancha.

As empresas que produzem artigos de surfe e incentivam o esporte estão sempre em evidência no mercado. O estilo de vida que o esporte carrega é conhecido pela maioria e o praticante faz questão de mostrar que está inserido nesse grupo. Como forma de identificação e inserção na sociedade, eles vestem camisa, bermuda, calça, tênis, boné, casaco e outros artigos. Porém não são todos que fazem questão disso.

## 5.5 ATUALIZAÇÃO

O avanço da tecnologia da comunicação é um fator que contribui muito para a atualização dos interessados, admiradores e praticantes do surfe. A maioria dos entrevistados assiste a vídeos, filme, conhecem atletas da modalidade, consultam a previsão, leem revistas, ou seja, se interessam em manter-se atualizados.

Essa oferta de informações tende a crescer ainda mais, visto que revistas de grandes nomes, empresas que incentivam o esporte através de patrocínios e produtoras já fornecem seus produtos em *smartphones* e *tablets*.

## 6 CONCLUSÕES

De acordo com o presente trabalho podemos concluir que o perfil do praticante de surfe mudou em relação à década de 70. Hoje, este indivíduo busca uma melhor formação e qualificação para o mercado de trabalho. Sendo em sua maioria praticado pelo sexo masculino, que estão em forma, tem o surfe como fonte de lazer e se interessam, também, por outras modalidades. Buscam na tecnologia da comunicação se atualizar sobre o que acontece no esporte a nível mundial e planejar a prática. São indivíduos que investem em viagens, acessórios, tecnologia que tendem a melhorar o desempenho o que pode ser mais um fator que inclui os profissionais da área da Educação Física no investimento destes praticantes.

Outro fator que deve ser considerado é que o surfe, como atividade corporal presente cada vez mais nos litorais brasileiros, pode ter sua iniciação feita de forma mais profissional se incluído o educador físico na aprendizagem do indivíduo. Gerando mais uma possibilidade de trabalho para a Educação Física.

## 7 REFERÊNCIAS

DIAS, C.; FORTES, R.; MELO, V. A. Sobre as ondas: surfe, juventude e cultura no Rio de Janeiro dos anos 1960. Est. Hist., Rio de Janeiro, v. 25, n. 49. Janeiro-Junho de 2012.

FORTES, R. Notas sobre surfe, mídia e história. Recorde: Revista de história do esporte, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, Dezembro de 2008.

REZENDE, M. A história do surfe e o perfil dos surfistas do litoral norte paulista. 2004. 67 folhas, monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Educação Física) Universidade Estadual de Campinas. 2004.

RIBEIRO, A. G. Uma história social do surfe. 2003. 102 folhas, monografia, (Trabalho de Conclusão de Curso em Historia) Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2003.

SOUZA, Rico de. Boas ondas: surfando com Rico de Souza. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

WILMORE, J; COSTILL, D. Fisiologia do esporte e do exercício. São Paulo: Manole, 2001.

ZUCH, L.; LINHARES, E. Reconhecendo o surfe. Disponível em: <<http://vimeo.com/55642718>> Acesso em: 24 de out. 2013.